

## Domingo V do Tempo da Quaresma – Ano A – 22.03.2026



### Viver a Palavra

Betânia aparece no Evangelho como a cidade da amizade. A casa de Marta, Maria e Lázaro é sinal de acolhimento e descanso, de proximidade e cuidado: Maria tinha ungido o Senhor com perfume e tinha-lhe enxugado os pés com os cabelos, Maria sentada aos pés de Jesus escutava com docilidade e alegria a palavra do Mestre, Marta enchia-se de cuidados para que nada faltasse Aquele que a visitava e Lázaro é aquele que tem o nome de amigo de Jesus.

A amizade é um dos mais belos sinais do amor de Deus e a escritura afirma que «*um amigo fiel é uma poderosa proteção; quem o encontrou, descobriu um tesouro*» (Sir 6,14). A amizade permite multiplicar e celebrar as vitórias e conquistas da vida, mas também dividir o peso das dificuldades e encontrar forças para o caminho, quando se torna exigente e difícil.

A Liturgia da Palavra deste quinto Domingo da Quaresma apresenta-nos também um quadro raro da narrativa evangélica, que só a grande amizade que une Jesus e Lázaro consegue explicar: Jesus chora. Nos evangelhos, encontramos apenas dois momentos em que Jesus chora: a morte do seu amigo Lázaro (Jo 11,35) e sobre a cidade de Jerusalém (Lc 19,41).

Diante do túmulo de Lázaro, Jesus chorou, levando os presentes a afirmar: «*vede como era seu amigo*». As Suas lágrimas, junto ao túmulo de Lázaro e sobre a cidade de Jerusalém são sinal do amor que sente pela humanidade. Jesus ama-nos e não quer que nenhum se perca, por isso, veio ao nosso encontro, assumiu a nossa humanidade, desceu às águas do Jordão para ser batizado, acolheu com ternura e misericórdia os doentes e os marginalizados, foi ao encontro dos pecadores e rejeitados e levou esse amor às últimas consequências abraçando a cruz e abrindo para nós as portas da ressurreição e da vida nova.

Jesus chora e ensina-nos a arte da compaixão. As lágrimas não são sinal de desespero ou de incapacidade de reagir diante do mal e do sofrimento, mas sinal de amor e compaixão diante das situações dramáticas da história. Jesus chora, mas não se detém no choro e no lamento. Dirige-se ao túmulo, pede que removam a pedra, dá graças ao Pai e brada com voz forte para que Lázaro saia do túmulo.

Diante das situações de dor e sofrimento pessoais e alheias não devemos ficar presos às nossas lágrimas e lamentos. Choramos e compadecemos-nos, mas devemos assumir uma atitude proactiva, capaz de responder com ousadia e coragem aos desafios que se colocam diante de nós. A misericórdia e a compaixão despertam o nosso coração e as nossas emoções, mas devem despertar também a nossa vida e a nossa ação. Com Jesus e como Jesus, acreditamos que o Pai nos escuta e, por isso, partimos na aventura do amor, na certeza de que a nossa ação unida à sua graça pode realizar maravilhas no aqui e agora do tempo e da história.

Contudo, diante de nós coloca-se o grande desafio da fé que nos convida a depositar toda a nossa esperança em Jesus Cristo e no Seu amor. Como naquele dia a Marta, Jesus pergunta a cada um de nós: «*acreditas nisto?*». Acreditas que comigo os impossíveis se podem tornar possíveis? Acreditas que a fé abre diante de nós um caminho de esperança que vai muito para lá dos limites do visível e do palpável? Acreditas que quem caminha com Jesus recebe um modo novo de olhar o tempo e a história?

Como nos recorda S. Paulo, batizados em Cristo somos já herdeiros da vida nova que brota da Páscoa do Senhor e, habitados pelo Espírito Santo, somos chamados a semear no aqui e agora do tempo e da história



O texto que nos é proposto como primeira leitura pertence à segunda fase do ministério profético de Ezequiel. Faz parte da famosa de um conjunto de “oráculos de salvação” (cf. Ez 33,1-39,29) que inclui a famosa “visão dos ossos calcinados” (cf. Ez 37). Nessa visão Ezequiel fala de uma planície cheia de ossos calcinados e sem vida; mas, esses ossos, vivificados pelo Espírito do Senhor, são revestidos de pele, de músculos e ganham nova vida. Nesta parábola, esses ossos calcinados representam o Povo de Deus, que jaz abandonado, sem esperança e sem futuro no meio da planície mesopotâmica. *in Dehonianos.*

## **INTERPELAÇÕES**

- O desânimo, a frustração, o desalento que, no séc. VI a.C. afetaram os habitantes de Judá exilados na Babilônia não são experiências completamente desconhecidas para nós. São realidades que a cada passo nos esperam ao virar da esquina. Sentimo-las quando somos obrigados a encarar a morte de alguém que nos é querido, quando enfrentamos o desmoronar dos laços familiares, quando somos surpreendidos pela traição de um amigo ou de alguém a quem amamos, quando carregamos o peso da solidão, quando temos de deixar para trás os nossos sonhos, quando nos sentimos afogados pelo medo, quando os nossos melhores esforços resultam em nada... A constatação da nossa fragilidade, das nossas limitações, da nossa impotência paralisa-nos. Olhamos à volta à procura de Deus e Ele parece infinitamente distante; interpelamo-lo e Ele parece não nos responder... Estamos sozinhos, sem apoio e sem defesa? Deus não se interessa minimamente por nós? O profeta Ezequiel garantia aos exilados de Judá que Deus iria ajudá-los a “sair do sepulcro” e trazê-los de volta à terra nova da liberdade e da esperança. Como é que isto nos soa? Acreditamos que Deus é capaz de “escrever direito por linhas tortas” e tirar vida da morte? Apesar dos “acidentes” que a vida insiste em trazer-nos, conseguimos sentir a mão de Deus que nos segura e que nos dá confiança?
- Pela voz profética de Ezequiel, Deus dizia ao seu povo: “infundirei em vós o meu espírito e revivereis”. Sim, Deus está mesmo disposto a fazer-nos “sair do sepulcro” em que muitas vezes nos deixamos encerrar. Esse espírito que Ele nos promete pode renovar-nos e transformar-nos: é o Espírito de Deus que elimina dos nossos corações o egoísmo, o orgulho, a ambição, a autossuficiência, a maldade, tudo isso que estraga a nossa vida; é o Espírito de Deus que gera nos nossos corações sentimentos de bondade, de generosidade, de misericórdia, de amor... Deus, no entanto, nunca forçará a nossa vontade, nunca nos obrigará a uma transformação que não queremos aceitar. Queremos acolher o Espírito de Deus? Existe em nós uma vontade sincera de nos deixarmos transformar por Ele?
- É Deus que vem em nosso auxílio para nos tirar dos “túmulos” onde estamos encerrados; é Deus que infunde em nós o seu Espírito, esse Espírito que nos transforma, que nos renova, que nos faz reviver... No entanto Deus, tantas e tantas vezes, vem ao nosso encontro através de pessoas – como Ezequiel – que nos oferecem, em gestos concretos, a bondade, a misericórdia, a vida e o amor de Deus. Deus age no mundo e na vida dos homens através dos seus enviados. Talvez Deus também conte connosco para sermos, junto dos nossos irmãos, testemunhas e sinais da sua bondade e do seu amor. Dispomo-nos a colaborar com Deus e a gastar algum do nosso tempo a “curar” os males que ferem os irmãos que caminham ao nosso lado? *in Dehonianos.*

## **SALMO RESPONSORIAL – SALMO 129 (130)**

**Refrão 1: No Senhor está a misericórdia e abundante redenção.**

**Refrão 2: No Senhor está a misericórdia, no Senhor está a plenitude da redenção.**

**Do profundo abismo chamo por Vós, Senhor,  
Senhor, escutai a minha voz.  
Estejam os vossos ouvidos atentos  
à voz da minha súplica.**

**Se tiverdes em conta as nossas faltas,  
Senhor, quem poderá salvar-se?  
Mas em Vós está o perdão,  
para Vos servirmos com reverência.  
Eu confio no Senhor,  
a minha alma espera na sua palavra.  
A minha alma espera pelo Senhor  
mais do que as sentinelas pela aurora.  
Porque no Senhor está a misericórdia  
e com Ele abundante redenção.**

**Ele há de libertar Israel  
de todas as suas faltas.**

## **LEITURA II – Romanos 8,8-11**

**Irmãos:**

**Os que vivem segundo a carne não podem agradar a Deus.**

**Vós não estais sob o domínio da carne, mas do Espírito,  
se é que o Espírito de Deus habita em vós.**

**Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo,  
não Lhe pertence.**

**Se Cristo está em vós,  
embora o vosso corpo seja mortal por causa do pecado,  
o espírito permanece vivo por causa da justiça.**

**E, se o Espírito d'Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos  
habita em vós,**

**Ele, que ressuscitou Cristo Jesus de entre os mortos,  
também dará vida aos vossos corpos mortais,  
pelo seu Espírito que habita em vós.**

## **CONTEXTO**

Em meados do séc. I, Roma era a maior cidade do mundo, com aproximadamente um milhão de habitantes. Neste número estavam incluídos cerca de 50.000 judeus.

Provavelmente, o cristianismo chegou a Roma levado por judeus palestinos convertidos ao Evangelho de Jesus. Uma antiga tradição diz que foi Pedro quem anunciou o Evangelho em Roma, por volta do ano 42, e que da sua pregação resultou uma florescente comunidade cristã. No entanto, não temos evidências que comprovem esta tradição.

Paulo escreveu a sua Carta aos Romanos por volta do ano 57 ou 58. Estava, por essa altura, prestes a terminar a sua terceira viagem missionária. Sentia que tinha concluído a sua missão no Mediterrâneo oriental, pois as igrejas que fundara e acompanhara nessas paragens estavam organizadas e já podiam caminhar por si próprias. Depois disso, Paulo tinha a intenção de anunciar o Evangelho no ocidente: queria passar por Roma, deter-se algum tempo nessa cidade e viajar depois para a Espanha para aí dar testemunho de Jesus (cf. Rm 15,24-28).

Ao dirigir-se por carta aos cristãos de Roma, Paulo pretendia estabelecer laços com eles; mas também aproveitou a oportunidade para lhes apresentar os principais problemas que então o preocupavam, entre os quais sobressaía a questão da unidade. Tratava-se de um problema que se sentia um pouco por todo o lado e que também inquietava a jovem comunidade cristã de Roma, afetada por dificuldades de relacionamento entre cristãos de origem judaica e cristãos vindos do mundo greco-romano. Com serenidade e lucidez, evitando qualquer polémica, Paulo expôs aos cristãos de Roma as linhas mestras do Evangelho que anunciava. A Carta aos Romanos é uma espécie de resumo da teologia paulina e, do ponto de vista teológico, o escrito mais completo de Paulo.

Na primeira parte da Carta (cf. Rm 1,18-11,36), Paulo vai fazer notar aos cristãos divididos que o Evangelho é a força que congrega e que salva todo o crente, sem distinção de judeu, grego ou romano. Embora o pecado seja uma realidade universal, que afeta todos os homens (cf. Rm 1,18-3,20), a “justiça de Deus” dá vida a todos, sem distinção (cf. Rm 3,1-5,11); e é em Jesus Cristo que essa vida se comunica e que transforma o homem (cf. Rm 5,12-8,39). Batizado em Cristo, o cristão morre para o pecado e nasce para uma vida nova. Passa a ser conduzido pelo Espírito e torna-se filho de Deus; libertado do pecado e da morte, produz frutos de santificação e caminha para a Vida eterna.

O nosso texto integra a primeira parte da Carta. Refere-se à “vida nova” daqueles que aderiram a Jesus e vivem “no Espírito”. Todo o capítulo oitavo é dedicado à vida no Espírito. É uma das mais ricas e mais belas páginas da catequese paulina. *in Dehonianos*.

## **INTERPELAÇÕES**

- Jesus, ao despedir-se dos discípulos, enviou-os a “batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (“ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado” – Mt 28,19). O momento do batismo ficou a ser, para os que seguidores a Jesus, o momento da opção pela proposta de Jesus, pela “vida no Espírito”. É possível que tenhamos sido batizados quando ainda não tínhamos consciência das coisas e que, mais tarde, não tenhamos tido vontade ou oportunidade de “validar” essa opção inicial; é possível, também, que as nossas opções de vida nos tenham levado por caminhos diferentes e que hoje, de forma consciente nos sintamos

afastados dessa “vida no Espírito” de que fala Paulo... Nós, os que fomos batizados e que estamos contentes com essa opção, temos procurado viver de forma coerente a nossa vocação batismal e caminhamos “no Espírito”? Nós os que fomos batizados, mas depois nos desleixamos e deixamos de dar importância ao seguimento de Jesus, não gostaríamos de renovar o nosso compromisso batismal, de retomar o nosso contacto com Jesus e de viver de forma coerente com a opção que fizemos quando fomos batizados? Nós os que desistimos de Jesus e optamos conscientemente por outros caminhos, não estaríamos interessados em redescobrir a beleza de “viver no Espírito”, de procurar um sentido e uma realização mais completa da nossa vida?

- O apóstolo Paulo assegura aos cristãos de Roma que quem escolheu identificar-se com Cristo – isto é, viver na obediência aos planos do Pai e no dom da vida em favor dos irmãos – está destinado a encontrar uma vida nova e plena, uma “vida eterna”. Aquilo que aconteceu com Cristo aponta exatamente nesse sentido. Ele recusou o egoísmo e a autossuficiência e escolheu cumprir o plano do Pai até às últimas consequências; Ele amou os seus irmãos até ao extremo e quis dar a própria vida para derrotar a injustiça, a violência, a maldade, a arrogância, a morte. Apesar de ter sofrido o vexame da cruz, na manhã de Páscoa saiu vitorioso do túmulo, foi glorificado e sentou-se à direita do Pai. Jesus mostrou-nos que uma vida vivida “no Espírito” não termina no fracasso e na morte, mas aponta à vida definitiva, à realização plena, à vida eterna. Evidentemente, a nossa vida nesta terra há de ter um fim; mas o Espírito que ressuscitou Jesus far-nos-á viver eternamente como filhos de Deus. Acreditamos nisto? A certeza dessa vida nova que nos espera dá-nos ânimo para, ao longo do caminho que percorremos na terra, fazermos escolhas segundo o Espírito? *in Dehonianos*

## **EVANGELHO – João 11,1-45**

**Naquele tempo,**

**estava doente certo homem, Lázaro de Betânia,  
aldeia de Marta e de Maria, sua irmã.**

**Maria era aquela que tinha ungido o Senhor com perfume  
e Lhe tinha enxugado os pés com os cabelos.**

**Era seu irmão Lázaro que estava doente.**

**As irmãs mandaram então dizer a Jesus:**

**«Senhor, o teu amigo está doente».**

**Ouvindo isto, Jesus disse:**

**«Essa doença não é mortal, mas é para a glória de Deus,  
para que por ela seja glorificado o Filho do homem».**

**Jesus era amigo de Marta, de sua irmã e de Lázaro.**

**Entretanto, depois de ouvir dizer que ele estava doente,  
ficou ainda dois dias no local onde Se encontrava.**

**Depois disse aos discípulos:**

**«Vamos de novo para a Judeia».**

**Os discípulos disseram-Lhe:**

**«Mestre, ainda há pouco os judeus procuravam apedrejar-Te  
e voltas para lá?»**

**Jesus respondeu:**

**«Não são doze as horas do dia?**

**Se alguém andar de dia, não tropeça,  
porque vê a luz deste mundo.**

**Mas se andar de noite, tropeça,  
porque não tem luz consigo».**

**Dito isto, acrescentou:**

**«O nosso amigo Lázaro dorme, mas Eu vou despertá-lo».**

**Disseram então os discípulos:**

**«Senhor, se dorme, está salvo».**

**Jesus referia-se à morte de Lázaro,  
mas eles entenderam que falava do sono natural.**

**Disse-lhes então Jesus abertamente:**

**«Lázaro morreu;**

**por vossa causa, alegro-Me de não ter estado lá,  
para que acrediteis.**

**Mas, vamos ter com ele».**

**Tomé, chamado Dídimo, disse aos companheiros:**

«Vamos nós também, para morrermos com Ele».

Ao chegar, Jesus encontrou o amigo sepultado havia quatro dias. Betânia distava de Jerusalém cerca de três quilómetros. Muitos judeus tinham ido visitar Marta e Maria, para lhes apresentar condolências pela morte do irmão. Quando ouviu dizer que Jesus estava a chegar, Marta saiu ao seu encontro, enquanto Maria ficou sentada em casa.

Marta disse a Jesus:  
«Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido. Mas sei que, mesmo agora, tudo o que pedires a Deus, Deus To concederá».

Disse-lhe Jesus: «Teu irmão ressuscitará».

Marta respondeu:  
«Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição, no último dia».

Disse-lhe Jesus:  
«Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acredita em Mim, ainda que tenha morrido, viverá; E todo aquele que vive e acredita em Mim, nunca morrerá. Acreditas nisto?»

Disse-lhe Marta:  
«Acredito, Senhor, que Tu és o Messias, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo».

Dito isto, retirou-se e foi chamar Maria, a quem disse em segredo:  
«O Mestre está ali e manda-te chamar».

Logo que ouviu isto, Maria levantou-se e foi ter com Jesus. Jesus ainda não tinha chegado à aldeia, mas estava no lugar em que Marta viera ao seu encontro. Então os judeus que estavam com Maria em casa para lhe apresentar condolências, ao verem-na levantar-se e sair rapidamente, seguiram-na, pensando que se dirigia ao túmulo para chorar. Quando chegou aonde estava Jesus, Maria, logo que O viu, caiu-Lhe aos pés e disse-Lhe:  
«Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido».

Jesus, ao vê-la chorar, e vendo chorar também os judeus que vinham com ela, comoveu-Se profundamente e perturbou-Se. Depois perguntou: «Onde o pusestes?» Responderam-Lhe: «Vem ver, Senhor». E Jesus chorou.

Diziam então os judeus:  
«Vede como era seu amigo».

Mas alguns deles observaram:  
«Então Ele, que abriu os olhos ao cego, não podia também ter feito que este homem não morresse?»

Entretanto, Jesus, intimamente comovido, chegou ao túmulo. Era uma gruta, com uma pedra posta à entrada. Disse Jesus: «Tirai a pedra».

Respondeu Marta, irmã do morto:  
«Já cheira mal, Senhor, pois morreu há quatro dias».

Disse Jesus:  
«Eu não te disse que, se acreditasses, verias a glória de Deus?»

Tiraram então a pedra.

Jesus, levantando os olhos ao Céu, disse:

«Pai, dou-Te graças por Me teres ouvido.  
Eu bem sei que sempre Me ouves,  
mas falei assim por causa da multidão que nos cerca,  
para acreditarem que Tu Me enviaste».  
Dito isto, bradou com voz forte:  
«Lázaro, sai para fora».  
O morto saiu, de mãos e pés enfaixados com ligaduras  
e o rosto envolvido num sudário.  
Disse-lhes Jesus:  
«Desligai-o e deixai-o ir».  
Então muitos judeus, que tinham ido visitar Maria,  
ao verem o que Jesus fizera, acreditaram n'Ele.

## CONTEXTO

O Quarto Evangelho, escrito por volta do ano 100, é um belo ponto de chegada da reflexão cristológica feita ao longo do séc. I. Na sua génese estará, certamente, o testemunho do apóstolo João; mas o livro conserva a reflexão que a comunidade joânica (provavelmente a comunidade cristã de Éfeso) desenvolveu sobre Jesus a partir do testemunho deixado pelo apóstolo.

O livro é de uma grande riqueza e não é fácil definir a sua estrutura. Mas diversos estudiosos do Quarto Evangelho fazem questão de dividi-lo em duas partes: o “Livro dos Sinais” (cf. Jo 4,1-11,54) e o “Livro da Hora” (cf. Jo 11,55-19,42). No “Livro dos Sinais” são-nos apresentadas diversas “catequese” – recorrendo a “sinais” como a água (cf. Jo 4,1-5,47), o pão (cf. Jo 6,1-71), a luz (cf. Jo 7,1-9,41), o pastor (cf. Jo 10,1-42), a vida que vence a morte (cf. Jo 11,1-56) – que mostram como o Messias, agindo de acordo com o projeto de Deus, faz nascer um Homem Novo, um Homem que vive segundo Deus. No “livro da Hora”, o Messias encaminha-se para a cruz e, oferece a própria vida por amor. Com a sua entrega, Ele mostra aos homens como devem viver e como devem amar. Os que aprendem com Jesus a lição do amor e se dispõem a viver como Ele viveu, formarão a nova comunidade, a Igreja de Jesus, vivificada pela água (batismo) e pelo sangue (eucaristia) que brotam do coração de Cristo.

A narrativa da ressurreição de Lázaro integra o “Livro dos Sinais”. É a quinta “catequese” que esse “livro” nos oferece. Trata-se de uma narração única, que não tem paralelo nos outros três Evangelhos. Propõe Jesus como aquele que é capaz de dar aos que a Ele aderem uma vida que supera a morte.

A cena situa-nos em Betânia, uma aldeia situada no lado oriental do monte das Oliveiras, a cerca de 2.700 metros de Jerusalém. Atualmente a localidade tem o nome de El-Azariyeh, nome derivado de Lázaro. Quem a visita pode descer, ainda hoje, os vinte e quatro degraus que conduzem a um espaço onde a tradição situa o túmulo de Lázaro.

O autor da catequese coloca-nos diante de um episódio – um triste episódio – familiar: a morte de um homem. A família em questão, constituída por três pessoas (Marta, Maria e Lázaro), parece conhecida de Jesus: em Jo 11,5 diz-se que Jesus “era amigo” de Marta, de sua irmã (Maria) e de Lázaro. A visita de Jesus a casa desta família é, aliás, mencionada em Lc 10,38-42; e João tem o cuidado de observar que a Maria, aqui referenciada, é a mesma que tinha ungido o Senhor com perfume e lhe tinha enxugado os pés com os cabelos (cf. Jo 11,2, cf. Jo 12,1-8). *in Dehonianos*.

## INTERPELAÇÕES

- Há em cada um de nós um desejo insaciável de vida e, por isso, passamos cada instante a lutar por mais e mais vida. Agarramo-nos à ciência e, sobretudo, à medicina para prolongarmos a nossa vida biológica tanto quanto possível. Contudo, apesar de todas as possibilidades que a ciência nos oferece para vencer as dores e enfermidades, deparamo-nos a cada instante com a nossa finitude, os nossos limites, o “tempo curto” da nossa caminhada aqui na terra. Sentimo-nos impotentes diante de uma realidade – a morte – que não podemos controlar e que parece pôr um ponto final nos nossos melhores sonhos, anseios, desejos, projetos e realizações. Porque é que não podemos prolongar para sempre a nossa vida? Porque é que temos de a certa altura, deixar aqueles que mais amamos? Que vai ser de nós quando se esgotar o nosso tempo aqui na terra? O que podemos fazer diante da realidade da morte? Muitos recusam-se a pensar nestas questões e limitam-se a aproveitar cada instante da existência o melhor possível, sem terem em conta qualquer horizonte futuro. Mas podemos, simplesmente, viver cada dia sem assumirmos uma atitude consciente e responsável sobre o nosso fim último, a realidade que nos espera depois da nossa peregrinação pela terra? Como equacionamos estas questões? Como nos situamos face a elas?
- O autor do Quarto Evangelho oferece-nos hoje uma catequese sobre a temática da morte e da vida. A partir dos acontecimentos que enlutaram uma família amiga de Jesus (a morte de um

homem chamado Lázaro, um dos membros dessa família), o nosso catequista diz-nos que a nossa vida nesta terra terá um fim e que isso é inevitável. Trata-se de algo que resulta da nossa finitude, dos nossos limites, da nossa debilidade, da nossa condição de criaturas. Mas a incontornável morte biológica não será o nosso fim, a última palavra de Deus sobre nós. Aquilo a que chamamos “morte” será uma espécie de “sono” do qual acordaremos nos braços amorosos do nosso Pai do céu. O crente não sabe mais do que os outros homens, nem tem uns óculos especiais para ver aquilo que os outros homens não conseguem ver; mas o crente aproxima-se da morte física com uma confiança radical na bondade, na misericórdia e no amor de Deus... Portanto, o crente acredita que a morte física não é destruição e aniquilação, mas sim a passagem para Deus, para a vida definitiva. Jesus, depois de dialogar com Marta, irmã de Lázaro, sobre esse horizonte de eternidade, perguntava-lhe: “acreditas nisto?” E nós, acreditamos nisto?

- O “catequista” que nos conta a história de Lázaro, está convicto do poder salvador de Jesus. A sua certeza de que Jesus é fonte de vida é tão grande que, a certa altura, põe na boca de Jesus as seguintes palavras: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acredita em Mim, ainda que tenha morrido, viverá; e todo aquele que vive e acredita em Mim, nunca morrerá”. O que é “acreditar” em Jesus? É aderir a Ele, escutar e acolher as suas palavras, viver ao seu estilo, assumir os seus valores, segui-l’O no caminho do amor, do serviço, do dom da própria vida. Ora, foi precisamente essa a opção que fizemos no dia do nosso batismo: “acreditar” em Jesus; e, ao fazê-lo, escolhemos essa vida plena e definitiva que Jesus oferece aos seus e que lhes garante a vida eterna. Já agora: temos vivido de forma coerente com essa opção? Vivemos conscientes de que a fidelidade a Jesus é fonte de vida eterna?
- O adeus definitivo a uma pessoa que nos é querida e que a morte nos arrebatava mergulha-nos sempre numa dor sem remédio. Porque temos de perder aqueles que amamos e que enchem as nossas vidas de luz? A ausência, a saudade, deixam-nos um enorme vazio, um vazio que não conseguimos preencher senão com lágrimas. É mesmo assim: essas lágrimas são o preço do amor. O próprio Jesus, diante da “partida” do seu amigo Lázaro, chorou. A nossa relação com aquela pessoa que amávamos estará definitivamente terminada? O adeus que lhe dissemos será um adeus até nunca mais? Jesus, depois de chorar pelo seu amigo Lázaro, chegou ao sepulcro onde Lázaro estava e mandou tirar aquela pedra que separava o mundo dos mortos do mundo dos vivos. Queria, talvez, dizer que essa separação não tinha sentido. Avisaram-no de que Lázaro estava morto há quatro dias e que “já cheirava mal”. Jesus limita-se a gritar: “Lázaro, sai. E, à voz de Jesus, Lázaro sai para mostrar a todos que está vivo. Tem os pés e as mãos “enfaixados com ligaduras e o rosto envolvido num sudário”. Traz consigo os sinais e as ligaduras da morte. No entanto, sai do sepulcro pelo seu próprio pé. Lázaro, sepultado há quatro dias, está vivo. O que é que o nosso “catequista” quer dizer com isto? Simplesmente que os nossos queridos mortos, aqueles de quem nos despedimos e abandonamos num sepulcro, estão vivos! Deus não os abandonou. Conscientes disso, retiremos a “pedra” que nos afasta dos que já partiram. Não os perdemos. Eles estão vivos. De junto de Deus, eles continuam a acompanhar-nos e a amar-nos. Isso não será, para nós, motivo de consolação e de esperança?
- Estamos a percorrer o “caminho quaresmal”, o caminho que nos leva em direção à Páscoa, à vida nova, à Ressurreição. É uma boa oportunidade para redescobrimos o compromisso que assumimos no dia do nosso batismo e para redirecionarmos o sentido da nossa existência. Talvez as nossas mãos, os nossos pés, o nosso coração, estejam enfaixados por ligaduras que nos prendem na morte e que nos impedem de sair dos túmulos sujos em que nos deixamos encerrar pelo nosso egoísmo, pelo nosso comodismo, pelo nosso orgulho, pela nossa ambição, pela nossa autossuficiência... Talvez necessitemos de prestar atenção à voz de Jesus que nos chama (“Lázaro, sai) e que nos convida a começar uma vida nova, uma vida gloriosa e cheia de sentido. Quais são as “ataduras” que nos mantêm agarrados a uma vida de sombras e de escravidões? Nesta Páscoa, estamos dispostos a ressuscitar com Jesus e a passar com Ele da morte para a vida? *in Dehonianos*.

### Para os leitores:

A brevidade da **primeira leitura** não deve permitir descurar a sua preparação. Deus dirige-se ao Seu povo e a proclamação desta leitura deve ter isso em conta. Além disso, pede-se atenção à repetição do vocativo «ó meu povo».

A **segunda leitura** exige uma acurada preparação tendo em conta as pausas e respirações. É necessário ter em atenção as frases longas, com diversas orações, bem como as diversas frases condicionais.